

8

DISCURSO HEROYCO

SOBRE A JORNADA, QUE O
inimigo fez á Praça de Elvas.

VOTADO, E HUMILDE MENTE
*sacrificado à sempre Augusta, & victorio
sa Magestade del Rey Dom João IV.
de Portugal Nosso Senhor.*



EM LISBOA

Por Paulo Craesbeeck. Impressor, e Livrei
ro das Tres Ordens Militares. Anno
de 1645.

DISCURSO
HERÓICO

SOBRE A JORNADA QUE SE FEZ
em 17 de Junho de 1645.

NOTADO, E HUMILDE MENTE
Presentado a Real Academia de
Sciças e Letras de Lisboa
em 17 de Junho de 1645.



EM LISBOA

Por Paulo Grassbeck, Impressor, e Livro
de das Artes e Officinas de Lisboa
de 1645.



A QUEM LER.



*EITOR, verdades admira
Do Luzitano valor,
Porquem o mais superior
De pura inveja, suspira:
Sem lisonja, e sem mentira*

Veràs, em lição pequena,

Recupilar minha penna

As maravilhas estranhas,

De outras mayores façanhas,

Que as do filho de Alcumena.



E Ste Discurso Heroico está conforme com o seu original, São Domingos de Lisboa, 27. de Fevereiro de 1645.

M. Fr. Ignacio Galvão.

Visto estar conforme com o original, pôde correr este papel. Lisboa, 28. de Fevereiro. de 1645.

Francisco Cardoso de Torneo.

Pantaleão Rodriguez Pacheco,

Taxase este quaderno em trinta reis cada hum. Lisboa, 28. de Fevereiro de 1645.

Coelho.

Ribeiro.

DIS-

DISCURSO HEROICO

SOBRE A JORNADA QUE O INIMI-
go fez á Praça de Elvas, no anno
de 1644.

I

ESTAS Rimas Marciaes, que a meu sécido
Ditou Bellona em pletro Luzitano
Para canoro o probrio, merecido
Do soberbo, arrogante Castelhana,
Ouvi, senhor, se acaso divertido
Vos não tem o cuidado soberano,
De que o cerro real está pendente
Para imperar catholico, e prudente.

2

Vereis nellas aefigie do castigo,
Que em vosso nome pellos vossos dado
Nos campos d'Elvas foy ao inimigo
Donde a buscar feu dano veyo ousado,
E vereis, se atençaõ vossa consigo,
O valor Portugez tão sublimado,
Que em quanto delle agora vos dou parte,
Se estremece de ouvilo o mesmo Marte.

A

Naõ

3
Naõ lisonjeiro, naõ, literalmente
Relatado o successo o sacrificio
A vossos pés, em culto reverente,
Se bem in digno Genio a tanto applico;
Mas inda que este seja insufficiente
De Luzo as maravilhas que publico,
Sabei que são verdades conhecidas
Naõ fabulas sonhadas, nem fingidas.

4
Bem vejo que he humilde o sacrificio
Para taõ soberana Magestade,
Mas será dos affectos breve indicio,
Com que deseja obrar sempre a vontade:
Ache este vosso real peito propicio,
Pois mais naõ pode, a possibilidade,
Que inda que em cabedal pobre offereço,
He, do que nelle dou, sublime o preço.

5
Bem sei que chega tarde esta noticia
Estando já taõ doutamente dada,
Porêm a relação de tal milicia
Naõ se deve estranhar ser duplicada;
E quando por inveja, ou por malicia
Esta tenção, senhor, for reprovada,
Por desculpa darei, que os Portuguezes
São dinos de louvallos muytas vezes.

Posto

Posto tinha o inverno riguroso
 A vossas armas tregoa sossegada
 Quando mais que valente, industrioso
 Vendo de Luzo a gente descuidada ;
 Exercito juntando numerofo
 Soberbo o Torreclusa impunha a espada
 Por tomar , para ter melhor partido
 O valor Portuguez desprevenido.

Estando o Sol os uberes mamando
 Da Cabra, que no Globo esclarecido
 Por cima das estrellas vay trepando
 Para chegar ao sitio mais subido :
 A gente conduzida preparando
 Faeton de Marte, ou Icaro atrevido ;
 O Torreclusa para seu exicio
 Dispoz seu memoravel precipicio.

Sahio de Badajoz triunfante ufano
 Tremolando estandartes, e bandeiras,
 Livrando nos poderes (nosso dano)
 De Doze mil Infantes em fileiras.
 Pizando mais o campo Luzitano
 Em composto esquadrão tropas ligeiras
 De dous mil , e seiscentos Hypogrifos.
 Senaõ Pegasos , alternando rifos.

Carros de moniçoens, e mantimentos,
 Que são da guerra as prevençoens milhóres
 Afirmão que passavaõ de seis centos,
 E a copia de dous mil, os gastadores;
 E por de seus beligeros intentos
 Poder executar melhor rigores,
 Dez trovoens de Vulcano conduzia
 Para por á Cidade bataria.

10

Bem como quando Atyla imaginava
 Com seu poder avassallar o mundo
 Quando açoute de Deos apellidava
 De sua ira o rayo furibundo;
 Talvez o Torreclusa entronizava
 Rigor nos campos d'Elvas mais profundo
 Contra o valor da gente Portugueza,
 Que seu poder intrepida despreza.

11

Fez alto brevemente aquelle dia,
 Egeral paga a todos os Soldados,
 Que com ella obrigallos pretendia
 A virem contra nós mais animados,
 E vendo o poder grande, que trazia
 Na multidão dos esquadroens formados
 Julgou Campo-Mayor pequena empreza
 Para tropheo de tanta fortaleza.

E para

E para que côm brindes elegida
 A praça fosse, que escalar se trate,
 Os Cabos a jantar todos convida
 Depois de os regalar com chocolate:
 Sobre qual das tres praças cometida
 Seria a hum debate outro de bate,
 E porque os muros d'Elvas tem por fortes
 Resolvem que a eleição fosse por fortes.

A Elvas cubera a forte, e com vangloria
 Tomando o copo, com festivos modos,
 A todos brinda d'Elvas á victoria:
 Faremos a razão respondem todos:
 Eterna ficará vossa memoria
 Replica o Torrecluza, ó nobres Godos
 Debellando covardes revellados
 Contra o Leão de Hespanha conjutados.

Feita a razão, o brindes acabado,
 Que com vivas, e aplausos se celebra,
 Os copos, com que foy solenizado
 (Tomando cada qual as Armas) quebra:
 Marchalogo o Exercito ordenado
 Para alojarse aquella noite em Xebra,
 Donde porque iracundo não descança
 A mea legoa da Cidade avança.

Alli romando posto conveniente
 Aloja o Arrayal, e se aquartella,
 Mandando acometer fupitamente
 Com dous terços da gente de Castella;
 Do Cazaraõ o fitio, que eminente
 Parece que dos mais he fentinella,
 Porque delle arrogante pretendia
 Plantar contra a Cidade bararia.

Naõ era o parecer pouco maduro,
 Se elle chegar pudera a ser logrado,
 Que por aquella parte estava o muro
 Menos que das demais fortificado:
 Mas de qualquer maneira bem seguro
 Estava de poder ser contrastado
 Do valor Luzitano defendido,
 Se fora do universo combatido.

Das Armas tinha o mandõ prehemimente
 Naquelle Luza Transtagana parte,
 Mathias de Albuquerque dignamente
 Appellido fatal, que inveja Marte:
 Despois que là nos climas do Oriente
 Tremolando beligero Estandarte
 Deixou eternizadas na memoria
 Immortal fama, victoriosa gloria.

Arma mandou tocar, e guarnecidos
 De scipioens os muros da Cidade
 Como tigres de Ircania emfurecidos,
 Ser Marte cada qual se persuade;
 Marchaõ os Castelhanos atrevidos,
 Com tal valor, com tal temeridade,
 Que a nossas ballas sem temor expostos,
 A peito descuberto, ganhaõ postos.

Prudente com fervor para a defenza
 Cuidadoso previne o necessario,
 Que instantes ao socego não dispença
 Quando he o descuido o mayor contrario;
 Não só confia em que o valor vença,
 Que he na guerra o sucesso ás vezes vario,
 E assim como sagaz, como fesudo,
 Dispoem tudo acertado, acode a tudo.

Dos Muros, yêdo-os vir, disse hum Soldado
 Para outros, que ali tinha configo,
 Cà vêm a nosso dano conjurado
 Atrevido buscarnos o inimigo:
 Para que outra ves não torne ousado
 A buscar temerario seu castigo,
 E de sua arrogancia se despida
 Não fique dos que vem hum só com vida.

Muito me pezará que isso aconteça;
 Disse outro dos valentes Portuguezes,
 Para que em nós a gloria premança
 De podermos vencello muitas vezes,
 Victorias adquirio, em quanto oppressa
 Roma das guerras foy Cartaginefes,
 Porem como lhe deo final estrago,
 Naõ teve mais victorias de Cartago.

Façamos que o inimigo se retire;
 Sem ser por nós de todo debellado;
 Porque de novo contra nós conspire,
 E nos dê vencimento duplicado;
 Que quantas vezes mais soberbo aspire
 A nosso dano de arrogancia armado,
 Tantas mais nos darà palmas, e glorias,
 De triunfos, despojos, e victorias.

Se arvorando Estandartes, e Bandeiras
 Nos cuida intimidar nesta derrota,
 Saiba, que em Portugal inda ha Forneiras
 Como aquella fatal de Algibarrota;
 Que com cabos de pàs nas mãos guerreiras
 Sem de fraqueza alguma darem nota,
 Quando de defender a patria tratem
 A sete, e sete, Castelhanos matem.

Parte da Portugueza Fidalguia,
 Cujó raro valor, esforço, e zelo
 Em quanto cerca o mar, Febo alumia
 Não pode ter no mundo paralelo;
 Nesta occasião nos Muros assistia
 Para assombro fatal, para flagello
 Da arrogancia da gente Castelhana
 Borboleta na luz da Luzitania.

Não louvo a todos particularmente
 Por ser de tanto indigna minha Muza,
 E porqué com valor tão excellente
 Não doure sua afronta o Torreclusa;
 Porque se este ao mundo for patente
 De não vencer darà licita escuza,
 E co brão de avello acometido
 Desculpará o defeito de vencido.

Só direi por mayor que ali se acháraõ
 Silvas, Mellos, Menezes, Azevedos;
 E que com estes fama eternizaraõ
 Cunhas, Sàs, Lobos, Limas, Figueiredos;
 E que não menos que elles se ostentaraõ
 (Honrando a Portugal) do mundo medos
 Saldanhas, Brandoens, Britos, e Pereiras,
 Soufas, Noronhas, Têlles, e Silveiras.

Cem Soldados guardavaõ a eminencia
 Do sítio Cazaraõ, mas investidos
 Foraõ com tal furor, com tal violencia
 Da multidaõ contraria combatidos,
 Que por ser dezigual a competencia
 Aos brios Portuguezes, oprimidos,
 Licenciou em mate taõ forçoço
 Deixar o posto, com retiro honroço,

Hercules Portuguez mais que o Thebano
 Luis da Silva Telles se ostentava,
 Sahindo a rebater o Castelhana
 Com seiscentos leoens, que governava,
 A fama cada qual de Heitor Troyano,
 Valor calificando aniquilava,
 Assistindo de guarda aquelle dia
 Na parte que o inimigo combatia.

Ganhado o Cazaraõ se fortifica
 O inimigo nelle com trincheiras,
 Donde porque arrogancia califica,
 Mandou logo arvorar quatro Bandeiras:
 As ballas que a Cidade multiplica
 Dissipaõ dos Soldados as fleiras
 De forte, que à trincheira, que erigiaõ
 De faxina Cadaveres serviaõ.

O caso temerario, ó vá profia,
 Impia pretençaõ, intento horrendo,
 Exasperada, e barbara ouzadia,
 Rarissimo espectáculo, estupendo!
 Pois reparar os vivos pretendiam
 Torreclusa seu dano não temendo,
 Na conquista impossivel, que intentava
 Cos muros, que de mortos fabricava.

A elles com duzentos mosqueteiros
 O valeroso Sylva se abalança,
 E pellos retirados companheiros
 Outra vez o perdido sitio avança;
 Pugnaõ taõ valerosos, e guerreiros,
 Fazendo no inimigo tal matança,
 Que vergonhosamente se retira
 Do posto, que arrogante conseguira.

A multidaõ da gente de cavallo,
 Que o Castelhana Exercito trazia,
 Pera cortar o Sylva fez aballo
 Se sustentar o posto pretendia;
 Mas ser vendo impossivel sustentallo,
 E que nelle o inimigo recebia
 Tanto dano, dos nossos combatido,
 Se retirou sem ser delle offendido.

Tres vezes foy perdida, e foy ganhada
 Do posto a eminencia pretendida
 Com tal valor da Luzitana Espada,
 Que pudera de Marte ser temida;
 Donde fama deixou eternizada
 A custa de huma balla recebida
 Aquelle Dom Francisco de Azevedo
 De Castella, e do mundo afombro, e medo.

Quatro Soldados sò, quatro sómente
 A todo o quartel dos Castelhanos
 Dezafiaraõ valerosamente
 Acção sò de invenciveis Lusitanos;
 Com ballas lhe respondem de repente;
 Mas elles sem temer dellas os danos
 Quando com mais fervor lhas duplicavaõ
 Com terroens por escarneo lhe atiravaõ.

Hum delles naõ querendo reritar-se
 Por ver se a lhe fahir se presuade
 Alguem, no posto sò deixou ficar-se
 Fazendo do valor temeridade:
 Mas o Silva que o vio tanto empenhar-se
 Contra a Militar regra, e sua vontade
 Castigo em vez de premio entaõ lhe ordena
 Se bem de culpa tal foy gloria a pena.

Dos mais, que nesta acção sem preferencia
 (Nome adquirindo de immortal memoria)
 Deraõ de seu louvor experiencia
 Com triunfos, e palmas de victoria:
 Direi a maravilha, e excellencia
 Com encomios, e hiperboles de gloria
 Para do mundo ser tremendo espanto,
 Se em raõ breve discurso cabe tanto.

Rayos inrefestiveis se ostentaraõ
 De Marte, os dous irmaõs cujo appellido
 De Figueiredo honrozo sublimaraõ
 Para taõ nobre ser como temido;
 Tanto valor, e esforço entronizaraõ,
 Que delles fõs pudera ser vencido
 Sem encarecimento temerario,
 O numerozo Exercito contrario.

O Alferes, Capitaõ ja dignamente
 Manoel da Sylva, com galhardo brio
 Tres Soldados interpido, e valente
 Provoca a ter com elle desafio;
 Mas vendo que nenhum nelle consente
 Por estar cada qual de medo frio,
 Do furor, que nos olhos lhe scintilla
 A todos nas trincheiras acutilla.

Como Tigre, dos filhos despojado
 O Rocha Capitão de Infantaria
 (Posto por seu esforço alli comprado)
 Furioso co inimigo combatia.
 Querendo dos contrarios hum Soldado
 Com elle experimentar a valentia
 Taõ caro lhe custou a cometida,
 Que o despojou das armas, e da vida.

Com Espada, e Rodella noutra parte
 Jovem fugeito, com mais brios que annos
 Rayo parece do rigor de Marte
 Fulminando Tifêos Castelhanos;
 Dando cos feros golpes, que reparte
 De seu valor patentes defenganos,
 De sangue nunca tendo a espada seca,
 O Capitão Lopo Alvres da Fonseca.

Quem poderà louvar devidamente
 O grande esforço do fugeito invicto
 Daquelle Capitão, que dignamente
 O antigo appellido tem de Brito;
 Cujó raro valor eternamente
 Por siglos de annos não será prescrito,
 Pois ballas recebidas nos ouvidos
 O não podem privar de seus sentidos.

Enojosa, e Morim de Infantaria
 Capitão hum, com fama eternizada,
 E outro por suprema valentia
 Dignamente Sargento-Mór darmada;
 De seu valor Gigante, a ouzadia
 Taõ alto foy por elles colocada,
 Que puderaõ com Jupiter ter guerra
 Sem que pufessem ferra, sobre ferra.

O Capitão João Ferraõ brioso
 Golpes inresistiveis executa:
 O Capitão Machado valeroso
 Nunca teve de fangue a espada enxuta:
 Parece, que no centro cavernoso
 Forjada a prova, na Vulcania gruta,
 Pellas mãos fora, nos Trinacrios montes
 De Esteropes, Piragmon, e de Brontes.

Jorge de Mello interpido, e valente
 Se mostrou nos assaltos o primeiro,
 Que a fer, neste beligerio accidente
 Foy, no terço darmada, aventureiro;
 O qual despois que no humido Tridente
 Ostentou seu valor forte, e guerreiro,
 Por dar na terra delle defenganos
 A ser assombro foy dos Castelhanos.

45
O Sanches, que o appellido tem do poço,
Poço sem fundo foy de valentia,
Fazendo no inimigo tal destroço,
Que furibundo rayo parecia;
De Bento Maciel, dizer não posso
(Por mais que inspire em mi minha Talia
Auxilios de poetica influencia)
O valor que ostentou sem resistencia.

46
Os tres Barbalhos, cujos appellidos
Honrosos, tanto a America assombraraõ,
Com façanhas, e feitos nunca ouvidos,
De humano esforço, seu valor mostraraõ;
O Capitaõ Oforio, a quem rendidos
Os mayores louvores se mostraraõ,
Deixou com palma, e gloria sublimada.
Do mais valente a fama aventajada.

47
De Francisco Brandaõ, o valor raro
Não posso, inda que quero, aqui dizello,
Porque em achar hyperbole reparo,
Que possa dignamente encarecello;
Manoel Pacheco, inclito, e preclaro
Bem mostrou que o appellido tem de Mello,
Glorioso nome, e fama eternizando
Com singular esforço pelejando.

Mas para que hum, e hum vou nomeando
 Podendo por mayor dizer que todos
 Os do invencivel, Luzitano bando,
 Mostraraõ seu valor por varios modos,
 E que com raro esforço amedrentando
 As arrogancias dos Iberios Godos,
 Asumptos foraõ do clarin da fama,
 Que por insigne, o seu valor aclama.

A tarde da manhã, que isto se obrara
 O valeroso Sylva, determina,
 Investindo o inimigo cara a cara,
 Fazerlhe experimentar quarta ruina,
 Para este efeito mangas tres repara
 De mosqueteiros, cuja copia trina
 Em tres vezes quarenta dividida
 Fazem cruel uniforme acometida.

Para guardar as costas desta gente
 Hum batalhaõ de piquetes foy formado:
 Cujos esquadraõ interpidos, e valentes
 Era só de duzentos numerado;
 A este governava dignamente,
 Porque ser não pudesse contrastado,
 Aquelle Dom Fernando de Meneses,
 Credito do valor dos Portuguezes.

De sesenta cavallos guarneçido,
 Que o Lamorle valente governava
 Por estar Azevedo já ferido
 Quando esta quarta acção se executava;
 Estava o batalhaõ taõ presumido,
 Que o poder do inimigo desprezava
 De dous mil e seiscentos de cavallo
 Tendo por impossivel contrastallo.

Disposto assim, com rara valentia
 A nossa (sem temor, no mór perigo)
 Em triforme esquadrão, mosqueteria
 Avançou as trincheiras do inimigo;
 Donde com afrontosa cobardia
 Se retirou para buscar abrigo
 A hum reduto, que erigido aviaõ
 Para plantar as Peças, que traziaõ.

Alcance aos Castelhanos fugitivos;
 Os nossos foraõ dando valerosos
 Com tal furor, que os que escaparaõ vivos
 Foraõ mais que apressados, venturosos;
 Com rumores, e estrondos excessivos
 De instrumentos de guerra pavorosos
 Já fortes no reduto se defendem,
 E os nossos animosos os offendem.

54 De felenca cavallos
A Castelhana entao cavallaria

Pello lado direito acometerendo
Cuidou que passo aberto achar podia
Para cortar os nossos combatendo;
Mas nossa pequena companhia
De cavallos felenca, arremetendo
Lhe fez fazer com grade defalinho
De retrogados passos, o caminho.

55 Disposto alim, co felenca valencia
As ballas da Cidade naõ cessavaõ

De dar nos retirados Castelhanos,
Que feytos dellas alvo experimentavaõ
De seus atrevimentos defenganos;
Cos golpes as espadas scintilavaõ
Relampagos de rayos Luzitanos,
Que donde achaõ mayores resistencias
De seu rigor imprimem as violencias.

56 Alance nos castellos de Elvas
Manoel de Castro de Elvas, que a gineta

Tinha de Capiraõ da Artilheria
Ardente Exalação, igneo cometa
De falitradas chamas parecia;
Em mandar que se afeitem naõ quieta
As Peças, com raõ certa pontaria,
Que nenhuã das ballas que expediraõ
O alvo erraraõ, donde as dirigiraõ.

Tal

Tal erá a perdição, tamanho o dano
 Dellas pello inimigo ex primentado,
 Que estava todo o campo Luzitano
 De pedaços de corpos semeado
 Em tanta copia o sangue Castelhana
 Se mostrava por elle derramado,
 Que pudera formar tamanho rio,
 Que entrara com Guadiana em desafio.

Da terra a negra filha começava
 A desterrar do dia a claridade,
 E os nossos Orientes enlutava
 De confusa, e medrosa escuridade;
 Nas Neptuninas agoas se banhava
 De Febo a refulgente Magestade,
 Quando por não ficarem de luz faltos
 Tregoa os nossos puserão aos assaltos.

Tirarão os Portuguezes esforçados
 Nestes encontros infinitas vidas,
 As de quinze custou nossos Soldados;
 Sayba o mundo quam bem foraõ vendidas.
 Vendo o contrario os nossos retirados
 Por trincheiras para isso prevenidas,
 Se tralladou dali noutra eminencia
 Donde esperava obrar mayor violencia,
 Nesta

Nesta, por ser padraſto acomodado
 Para poder plantarſe bataria
 Contra o forte, que foy templo ſagrado
 Da glorioſa martyre Luzia:
 Depois de ſe alojar fortificado
 Peças quatro afeſtou de artelharia,
 Cujos eccos os ares atroaraõ,
 Mas nem temor, nem dano nos cauſaraõ.

Do valente Dinis, que governava
 O forte, o General manda informarſe,
 Se de focorro algum necessitava
 Porque pudefe ao forte traſſadarſe;
 Mas elle que em ſeu braço confiava
 Por repolta lhe deo ſem dilatarſe,
 Que inda que o forte não tivera muro,
 Estava ſó com elle bem ſeguro.

E logo a ſeus Soldados animoſo
 Affim diſſe: ſenhores o inimigo
 Nos eſtá combatendo poderoſo,
 E pode acontecer algum perigo;
 Se acaſo por respeito algum forçoſo
 Ouver Soldado, dos que eſtaõ comigo,
 A quem neſta contenda oferecida
 Não convenha arifcar agora a vida?

A porta aberta tem, perto a Cidade,
 Eu ferrarei os olhos por não vello,
 Mas sayba se a ficar se presuade,
 Que este forte ade ser hum Mongibello:
 Porque se por cruel adversidade
 Minha, não for possível defendello
 Minado estou, em fogos salitrados
 Avemos de ser todos abrafados.

Com este resolutio profuposto
 O que a ficar comigo se aventura,
 Veja o perigo, a que fica exposto,
 Porque depois não tema a forte dura;
 Assim lhe disse, e com alegre rosto
 Cada qual dos Soldados lhe assegura,
 Que se trezentas mil vidas tivera,
 Todas pello feu Rey, e patria dera.

João Alvares Godinho, que animoso
 A ser fora no forte aventureiro
 Protesto fez ao Capitaõ famoso
 De ser em dar elle a vida o primeiro:
 Intrepido se ostenta valeroso
 Em tal acção, com brio tão guerreiro,
 Que inveja justamente dar pudera
 A quem por mais valente se tivera.

E vendo que de novo em vão pugnava
 Sem poder offender, sendo ofendido,
 O Torrecluzo já desesperava
 Do fim de seus intentos pretendido,
 E porque retirar-se procurava,
 Por não ver-se de todo perecido,
 Trasladar, desfistindo da demanda,
 Ao arrayal, do posto, as peças manda.

Em seu auge de Erebo a sombra escura
 Estava, a luz do Pollo desterrando
 Com medonha, e tristíssima figura,
 Confusão, e silencio administrando,
 Quando por ter então por mais segura
 A retirada, não na dilatarando
 Mandou marchar, e por não ser sentido
 Das caixas leva o parche emmudecido.

Tanto na retirada, ou na fugida
 Para mellor dizer, a retaguarda
 Temia ser dos nossos offendida,
 Que só de industria tal, remedio aguarda,
 Na mayor ousadia enfurecida
 Tanto hum castigo o animo acovarda,
 Quando de temeraria ser se preza,
 Que da mesma ousadia faz fraqueza.

Já o que brasonando fez, ativo
 Com arrogancia, de braveza alarde
 Nocturno se retira fugitivo
 Com prevençoens medrosas de cobarde:
 A hum tirano intento vingativo
 Nunca o Ceo sofre, que o castigo tarde,
 E tal ves dos rigores, que fulmina
 Permite que resulte sua ruina.

Indicios dava a luz madrugada
 Daquelle alegre, e suspirado dia,
 Da limpa Conceição da pura Aurora,
 De que o Divino Sol nacer queria,
 Quando reconhecida, não se ignora
 Do inimigo a fuga, e cobardia,
 Deixando para sempre na memoria
 Eternas, sua afronta, e nossa gloria.

A vós se devem, Virgem Soberana
 As graças de Victoria tão famosa
 Como ja da coroa Luzitana
 Custodia, e protectora milagrosa,
 Dai luz, Divina Estrella tramontana
 De Castella à cegueira ambiciosa,
 Para que a razaõ nossa conhecida
 Evite a perdição de tanta vida.

Aquelle dia, e o seguinte todo
 Em enterrar cadaveres gastaraõ,
 Os Portuguezes, dos do Imperio Godo,
 Que às suas mãos as vidas acabaraõ;
 Tanta era a multidão delles, que ao todo
 Mais de mil e seiscentos se contaraõ,
 Alem dos que, por ser mais finalados
 Foraõ pellos seus propios sepultados.

De Canaço mortifero destroço
 Se viu nos campos d'Elvas imitado
 Tanto ao natural, que afirmar posso,
 Que espectaculo igual não foy contado.
 Com estatua mayor, que a do Colosso
 Se deve memorar qualquer Soldado
 Dos Portuguezes, que com tanta gloria
 Adquiriraõ taõ celebre victoria.

Menos eraõ de mil e sete centos
 Na praça d'Elvas os Soldados pagos,
 Que a tantos mil fizeraõ, escarmentos
 Padecer de belligeros estragos;
 Não porque de valor rayos violentos
 Não fossem os contrarios, mas presagos
 Efeitos por seu dano exprimentaraõ
 Do esforço a valentia que ostentaraõ.

Mas de vós, ó valentes Luzitanos
 Mayores cousas escrever espero,
 Posto que para os feitos soberanos
 De Aquilles tantos, seja fraco Homero;
 Com tudo por dar delles defenganos
 Como o genio puder, não como eu quero.
 Asumptos os farei de meus escritos
 Faltandolhe sujeitos mais peritos.

Em defenſa da Patria, e do Rey dado
 Nella por Deos, tão milagrosamente,
 Que ſer com evidencia tem mostrado
 Acção de ſeu poder Omnipotente;
 Mostrai zelo, e valor tão ſublimado,
 Que excedais com conſtancia preeminente
 Codro, Regulo, Decios, Curcio, e quantos
 Foraõ na defenſaõ da patria eſpantos.

Rey tendes Natural, Forte, Guerreiro,
 Catholico, Benigno, e Generoso,
 Que ha de ſer nos perigos companheiro
 Quando ſe oferecer trance forçoſo;
 Descendente do voſſo Rey primeiro,
 A quem na Cruz cravado, o glorioſo
 Prometeo na progenie atenuada
 Reſtauracão felice eternizada.

Chegou desta promessa o comprimento
 Depois de suspirado tantos annos,
 Porque esperava Deos merecimento
 Capaz de seus favores soberanos;
 Com este claro já conhecimento
 Espero, valerosos Luzitanos,
 Que não de Iberia só lhe deis victoria,
 Mas que também triunfe em Siao, e Moria.

Que quem foy da palavra Sacro-Santa
 Felice, e admiravel desempenho,
 Avassallar o mundo não me espanta,
 Antes sem duvidar por certo o renho;
 E ponderando bem grandeza tanta
 Resolutivamente a entender venho,
 Que a ver não pode humana competencia
 Que faça as suas armas resistencia.

Ramo he também do tronco glorioso
 Daquelle Condestable unico, e santo,
 Que defendendo a patria valeroso
 Do Godo Imperio foy tremendo espanto,
 Cujo nome tão celebre, e famoso
 Vivirà sempre na memoria, em quanto
 Não vir a nossa humana fantasia
 Da maquina do mundo o final dia.

O quantas vezes enganada, ó quantas
 Exprimou Castella ambicioza
 De querer pór em Portugal as plantas,
 Os castigos de guerra fanguinosa,
 Mas não defenganarfe vezes tantas
 Sempre vencida, e sempre perdidoza,
 Mais he de teima pertinás efeito,
 Que estímulo de acção de algum direito.

Este foy invictissimo Monarca
 Do citio d'Elvas o felis successo,
 Que em quanto o Sol rodea, o mar abarca
 Ficarà na memoria sempre impresso:
 E em quanto o fio não cortar a Parca
 Das vidas que ostentaraõ tanto preço,
 Vos darão palmas com valor profundo
 Não fomite de Iberia, mas do mundo.

Exclamação do 83 a sua Magestade

Considerai dos vossos Luzitanos
 Os valerosos feitos nesta empreza,
 Dando taõ singulares defenganos
 De seu zello, valor, e fortaleza,
 Vede de seus esforços, soberanos,
 Com atençaõ, a superior grandeza,
 E julgareis qual he mais excellente,
 Se ser do mundo Rey, se de tal gente.

Para

Para que assim benigno, e generoso,
 Honreis, e enriqueçais vossos Soldados,
 Pagando com afagos amorozo,
 Em quanto os premios forem dilatados;
 Que mais estimaõ hum favor honrozo,
 De seu Rey, os vassallos, e criados,
 Que as mercès generozas de Alexandro,
 E que de Ero a vista, o seu Leandro.

E sendo assim por vós remunerado
 O Portugues valor, esforço, e brio,
 Será por elle a vossos pès postrado
 Do mundo, o dilatado senhorio,
 Vereis a vosso Scetro fogugado
 Do Eriope ardente ao Scita frio,
 Sem resistencia, e sempre victoriozo,
 Dilatareis Imperio glorioso.

Despois que a mão divina poderosa
 De vossa aclamação no augusto dia,
 Despregada da Cruz mostrou piedosa,
 Que sempre em vosso auxilio assistiria;
 Obrou tantos milagres generosa
 Na vossa Luzitana Monarquia,
 Que bem mostrado tem ao Emisferio,
 Que corre por sua conta o vosso Imperio.

E

Mas

Mas nem com taõ glorioso desengano
 Serà razaõ Senhor, que confiado
 No poder do Monarca soberano
 Se deixe estar o vosso descuidado;
 Naõ teme a prevençaõ, futuro dano,
 E com ella obra Deos mais obrigado,
 Porque quer q' as mercès, que em nós reparte,
 Se agenceem tambem da nossa parte.

Em quanto agora pede o inimigo
 A Nemisis favor para vingarse,
 Deve por evitarse algum perigo
 As fronteiras, Senhor, fortificar-se;
 E para nellas ter fatal castigo,
 Os Soldados com premios obrigar-se,
 Que pagos os Soldados Lusitanos,
 Tigres de Hircanea saõ, Leqens Albanos!

Só quem servir na guerra hoje mereça
 Preferir-se na graça soberana,
 Atè, que em paz tranquilla premanença
 A vossa Monarquia Lusitana,
 Astrea sem temor, nella floreça,
 Do poder, do respeito, que a profana,
 Que he virtude a justiça taõ divina,
 Que donde assiste mais, mais Deos se inclina!

Esta

Esta justa advertência, esta verdade,
 De hum coração, que mais que a sy vos ama
 Cos mayores extremos de lealdade,
 Em cuja ardente fê todo se inflama;
 Prostrado aos pès de Vossa Magestade
 Hum vassallo, e criado humilde, exclama,
 Para que o poder vosso prevenido
 Triunfe vencedor, nunca vencido.

LAUS DEO.

Em quanto agora pedo o inimigo
 A Nemica
 Deve p
 As proprias, Senhor, fortificas;
 E para nellas ter fatal castigo,
 Os soldados com premios obrigas,
 Que pagos os soldados
 Tigres de Hucanas são, Leões, Albatross

So quem ferir na guerra hoje mereça
 Preferente na graça soberana,
 Aque, que em paz mandadas premeneça
 A vossa Monarchia Lusitana;
 Altes sem remon, nella floresça,
 Do poder, do respeito, que a proclama;
 Que he vidente a salvação divina,
 Que bonde assiste mais, mais Deos se inclina;
 Este

1661 de anno. de Magestade S. de

De hum cordão...
LUIZ DE CAMÕES
ANTONIO BARBOSA
BACILLAR

VICTORIANO DE LIMA
SENDO GOVERNADOR DAS AR
DOM SANCHE MAMOEL

Impressão de S. Magalhães Anno de 1863
Ma Officina de Henrique...